

RUA MAESTRO MANUEL JOSÉ GOMES

Ato nº 159 de 17-02-1939, Artigo 1º, § 13º

Formada pela rua "B" do Jardim Chapadão

Início na avenida Governador Pedro de Toledo

Término na rua Arnaldo de Carvalho

Jardim Chapadão

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Municipal Euclydes Vieira.

MAESTRO MANUEL JOSÉ GOMES

Manuel José Gomes nasceu em Parnaíba, atual Santa de Parnaíba, nesta Estado, a 29-setembro-1792 e faleceu em Campinas, em 11-fevereiro-1868. Manuel José Gomes começou a estudar música aos sete anos de idade com o padre José Pedroso de Moraes Lara. Com a morte do padre Lara em 1808, Manuel José Gomes continuou os estudos com seu sucessor, Floriano de Anunciação Freire, e com quem iria dividir as responsabilidades de Mestre de Capela da Matriz de Parnaíba. Em 1812, transfere a sua residência para São Paulo, a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos musicais com o Mestre de Capela da Sé, André da Silva Gomes, compositor português radicado em São Paulo. Retornando à Parnaíba, ali não se demora e muda-se para a então florescente Vila de São Carlos, por volta de 1809. Homem de rija têmpera, energico, de caráter rude e generoso, sua vida foi marcada por uma constante atividade, dirigida, principalmente, ao campo da arte. Manuel José Gomes, ou o "Nhô Manéco Músico" vai se constituir em figura importante para a música de Campinas e do Brasil. Foi ele o precursor do ensino musical em nossa terra. Cidadão digno e alfabetizado, não se furtara no ano de 1837, a exercer a função pública de Juiz de Paz. Instrumentista e professor de piano, violino, flauta e órgão, estudioso de partituras musicais, compositor e lecionando, também, aulas de canto, não foi difícil à Manuel José Gomes exercer o magistério a inúmeros discípulos, que formaram a primeira banda-orquestra da então Vila de São Carlos. Em 1846, quando da visita de D. Pedro II a nossa cidade, Manéco Músico havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", com várias dezenas de integrantes e da qual, faziam parte dois filhos do maestro: o rapazola Juca (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete e o seu irmãozinho Tônico (Carlos Gomes) que tocava ferrinho (triângulo). Durante a imperial visita a corporação fez bonito, brilhou em todas as suas apresentações. Um ano depois, essa mesma corporação passou a se denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre sob a direção do rígido Manéco Músico, toman-

do parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos. Como compositor é copiosa a obra deixada por Manuel José Gomes, uma grande parte arquivada, hoje, no Museu de Carlos Gomes, no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Essa obra é composta de ária lírica, diversas séries de novenas, motetos, motinas, Ave Marias, Missas, trezenas, antífonas, "Te Deum", Ladainhas, outras peças sacras, concerto para violoncelo, quarteto, marcha e dobrado. Manuel José Gomes foi casado quatro vezes. Do primeiro casamento com Maria Inocência do Céu, em 1809, não deixou descendência. Das segundas núpcias foram seis os filhos, sendo o mais velho Manuel José Gomes Junior, apelidado de Inhô, excelente flautista e inspirado compositor e o mais moço o padre Joaquim José Gomes de Sant'Ana, que também foi bom compositor. De seu terceiro casamento, com Fabiana Maria Cardoso teve José Pedro de Sant'Ana Gomes, que tornou-se no maior violonista da velha Campinas e o genial maestro Antonio Carlos Gomes, glória musical brasileira. De seu quarto e último casamento, com Francisca Leite Moraes, teve oito filhos entre as quais as exímias pianistas Joaquina Gomes e Ana Gomes. Filhos e netos de Manéco Músico tornaram-se artistas notáveis, cujas vitórias tanto enobrecem o nome cultural não só de Campinas como do Brasil. Lamentavelmente, Manuel José Gomes faleceu dois anos antes da vitoriosa apresentação de "O Guarani" em Milão. Por ocasião de seu falecimento, amigos e admiradores, enviaram à Câmara Municipal pedido para que se desse seu nome ao antigo Beco das Casinhas, atual rua General Osório, onde ele residiu durante muito tempo. O pedido não foi atendido.



ATO N.º 159

Dá denominação a ruas da cidade

O Dr. Euclides Vieira, Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo, e

Considerando a conveniência de serem denominadas novas ruas da cidade, e tendo em vista as sugestões apresentadas à Prefeitura pela Sociedade Amigos da Cidade, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes e outras entidades, todas visando nomes e fatos relacionados com a vida da cidade e do Município, bem como os acontecimentos de ordem geral, nos quais Campinas, seus filhos ou seus habitantes tivessem cooperação, como consta da exposição apresentada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes desta cidade, e cumpridas as formalidades do Decreto n.º 8.868, de 27 de Dezembro de 1937,

RESOLVE:

Art. 1.º — Ficam denominadas pela forma seguinte as vias publicas abaixo descritas:

- § 1.º — D. PEDRO I, a que tem início na Avenida Brasil, na Vila Nova, entre as ruas G. Cesar e C. Pimentel, seguindo diagonalmente até encontrar a rua Maria Lins, (Bairro de Vila Nova).
- § 2.º — BARTOLOMEU BUENO DA SILVA, a que tem início na Ilha da Companhia Mogiana, no bairro do Taquaral, em continuação à rua Diogo Prado, terminando na rua Paula Bueno. (Taquaral).
- § 3.º — DR. JOSE DE CAMPOS NOVAES, a que tem início na Avenida Orosimbo Maia (atual rua Jorge Miranda), na esquina da rua Paula Bueno, e termina na Av. Barão de Itapura, no prolongamento da rua Buarque de Macedo, (Jardim Elisa).
- § 4.º — DR. ANTONIO DE SOUZA CAMPOS, a que tem início na rua Diogo Prado, entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, segue paralela a esta e termina na rua Major Solon. (Antiga rua Ana Eufrosina).
- § 5.º — VISCONDE DE TAUNAY, a que começando na Avenida D. Libânia, entre as ruas Barão Ribeiro e Prefeito Passos, terminando na Avenida Itapura. (Vila Itapura).
- § 6.º — ENGENHEIRO SATURNINO DE BRITO, com início na rua José Paulino, entre as ruas Jorge Miranda e Alvaro Müller, seguindo paralela a esta até encontrar a primeira citada. (Vila Itapura).
- § 7.º — ALFERES FRANCISCO NOGUEIRA, com início na rua Guilherme da Silva, entre Avs. Julio Mesquita e Anchieta, até a Travessa Irmãos Bierrenbach, depois de uma deflexão à direita. (Vila Julio Mesquita).
- § 8.º — DR. ALBERTO SALLES, com início na rua Barão Geraldo de Rezende, entre Hercules Florence e Barão de Itapura, terminando na rua José Paulino, no cruzamento com a Francisco Glycerio. (Travessa Cury).
- § 9.º — COMENDADOR PAULA CAMARGO, com início na rua José Paulino, entre Delfino Cintra e Barão Geraldo de Rezende, terminando na rua Prof. Luiz Rosa. (Arruamento Avelino de Souza).
- § 10.º — RUA DO ALGODÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo (3.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.
- § 11.º — RUA DO CAFE', com início na rua Governador Pedro de Toledo (2.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.
- § 12.º — RUA DO ASSUCAR, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa à direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.
- § 13.º — MAESTRO MANUEL JOSE' GOMES, com início do lado par da rua Governador Pedro de Toledo, entre as ruas Julio Ribeiro e General Bento Bicudo, terminando na rua Arnaldo de Carvalho. (Jardim Chapadão).
- § 14.º — DR. PAULO FLORENCE, com início na rua Joaquim Villac (1.ª Travessa ao lado direito) segue em direção ao Azilo de Invalidos, e termina no encontro da Chacara do Sr. Targino Nogueira de Souza e outros (Estrada do Azilo).
- § 15.º — CUSTODIO MANUEL ALVES, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa em diagonal ao lado impar)

segue em direção do Armazem Regulador, passando ao lado do Jockey Club e terminando em rua sem denominação do arruamento de A. I. Teixeira de Camargo. (Bomfim).

- 16.º — PROFESSOR CHRISTIANO WOLKART, com início na rua Bueno de Miranda, entre as ruas Maximiano de Camargo e Antonio Bento, terminando na rua Antonio Alvaro. (Vila Industrial).
- § 17.º — CORONEL ANTONIO LEMOS, com início na rua Dr. Carlos de Campos, entre as ruas Elias de Souza e João Theodoro, terminando no Corrego do Matadouro. (Vila Iracema).
- § 18.º — RUA DO ROCIO, com início na rua General Osorio, entre Saldanha Marinho e 11 de Agosto, terminando na rua Dr. Bernardino de Campos. (Travessa Valente).
- § 19.º — ENGENHEIRO PEREIRA REBOUÇAS, com início na rua São Carlos, abaixo da rua 24 de Maio, segue paralelamente ao prolongamento desta até a rua do arruamento da Chacara Arvore Grande, pela qual segue até encontrar a rua João Theodoro, na qual termina. (Vila Industrial).
- § 20.º — JORGE HARRAT, com início na Avenida da Saudade (1.ª Travessa do lado par) segue paralelamente à rua Alvaro Ribeiro, e termina na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Travessa Godoyl).
- § 21.º — AVENIDA WASHINGTON LUIZ, com início no encontro das ruas Alvaro Ribeiro e General Carneiro, prosseguindo pela Estrada de Rodagem de São Paulo.
- § 22.º — ROBERTO NORMANTON, com início na Avenida da Saudade (2.ª Travessa do lado par) segue paralelamente à rua Alvaro Ribeiro, terminando na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Vila Emy).
- § 23.º — REGINALDO SALLES, com início na Estrada de Rodagem de São Paulo, (4.ª Travessa do lado impar), segue em direção da rua Salles Leme. (Vila Emy).
- § 24.º — ENGENHEIRO ANTONIO F. PAULA SOUZA, com início na rua Dr. Betim (1.ª Travessa do lado impar) e termina na Chacara dos Irmãos Valente. (Vila Paraiso).
- § 25.º — ANTONIO ALVES ARANHA, com início na Av. Barão de Itapura, segue paralelamente à Av. Brasil, entre esta e a rua Christovam Colombo, terminando em uma praça circular, junta à linha da Companhia Mogiana. (Travessa Itapura).
- § 26.º — DR. JOSE INOCENCIO DE CAMARGO, com início na rua Barão de Atibaia, entre Dioguinho e Major Solon, seguindo paralelamente aquela até a rua Dr. Carlos Guimarães. (Antiga Inacio Bueno).
- § 27.º — ALFERES DOMINGOS, começa na rua 1, da Vila Julio Mesquita, segue paralela à rua Guilherme da Silva e depois de uma deflexão à esquerda, segue paralela à Av. Julio Mesquita, pelos fundos dos lotes e defletindo novamente à esquerda, paralela à Travessa Irmãos Bierrenbach, terminando na rua 1. (Vila Julio Mesquita).
- § 28.º — JOÃO FRANCISCO DE ANDRADE, com início na rua 14 de Dezembro entre as Avs. Anchieta e Julio Mesquita, segue paralela a esta, e termina na rua Guilherme da Silva.
- § 29.º — DA CONSTITUIÇÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo, em frente à rua Germania.

Art. 2.º — A pequena praça situada em frente à Praça 15 de Novembro, antigo Largo de Santa Cruz, do lado impar da rua Major Solon, fica denominada PRAÇA HEROIS DA LAGUNA.

Art. 3.º — A atual RUA DO CAFE', no bairro do Botafogo, entre a Avenida Itapura e a rua Antonio Guimarães, passará a denominar-se RUA DR. OCTAVIO MENDES.

Art. 4.º — O trecho da rua Jorge Miranda, que acompanha o canal do Saneamento, tendo início na rua José Paulino, passa a denominar-se AVENIDA OROZIMBO MAIA.

Art. 5.º — Este ATO entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Paço Municipal de Campinas, aos 17 de Fevereiro de 1939.

Euclides Vieira
Prefeito Municipal

Publicado na DIRETORIA DO EXPEDIENTE da Prefeitura Municipal, em 17 de Fevereiro de 1939.

O Diretor,
F. Campos Abreu



Estudioso dos grandes autores frequentemente manuseava obras do padre José Mauricio, de Mozart e partituras de óperas, das quais compunha arranjos para orquestra.

Ao falecer em 1868, depois de uma existência laboriosa, em grande parte dedicada a arte musical, Manoel Músico deixou numerosas obras sacras e profanas, muitas delas hoje guardadas carinhosamente no Museu Carlos Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes, a espera dos interessados e pesquisadores. São partituras completas para orquestra e coral, que nos oferecem farto material de estudo, obras seculares de inspiração cabocla, cuja execução em nossos dias viria comprovar os méritos artísticos do patriarca do ensino musical em Campinas.

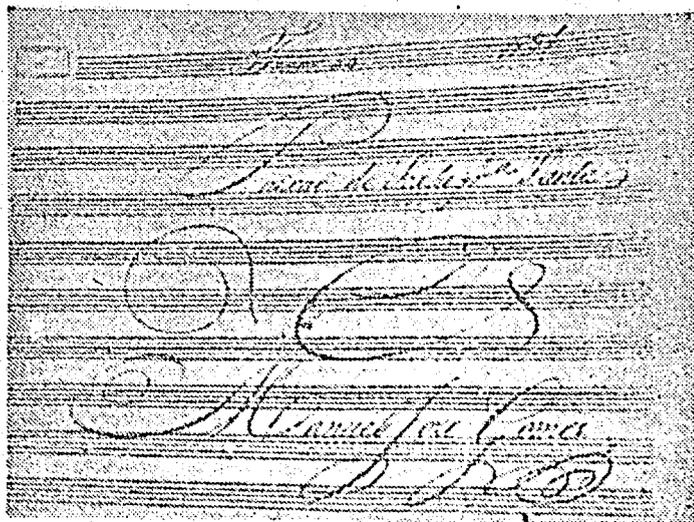
RELAÇÃO DAS MUSICAS SACRAS

Relação das musicas Sacras, originais de Manoel Gomes catalogadas no Museu do Centro de Ciências: Pangelinha 8 vozes, 1925 — Ofício de defuntos, 1827 — Paixão de Sexta-Feira Santa, 1831 — Novena de Santa Cruz, 1831 — Novena do Coração de Jesus, 1831 — Antifona para Quarta-Feira de Trevas, 1831 — Novena do E. Santo, 1841 — Sentir um doce afeto ária, 1842 — Ave Maria, 1842 — Ofício de defunto, 1843 — Novena do Menino Deus, 1843 — Marcha em lá bemol, 1844 — Recomendação das almas, 1844 — Deum Laudamos, 1845 — Laudete para anjinho, 1847 — Deus vos Salve, 1848 — Novena do Rosário, 1848 — Subtum Presidium, 1851 — Te Deum, 1851 — Recomendação de defuntos, 1851 — Ofício e Missa de defunto, 1854 — Tantum Ergo, 1854 — Credo recopilado, 1854 — Tractus para sábado Santo, 1854 — Missa e Credo de Capela, 1854



Manoel José Gomes. Precursor de ensino musical em Campinas. Falecido em 1868

— Ladainha do Rosário, 1855 — Ladainha Lagos, 1859 — Kirie para sábado, 1859 — Recomendação de defuntos, 1859 — Recomendação de defuntos, 1860 — Ofício de defuntos, 1860 — Novena do Bom Jesus, 1860 — Subtum Presidium 4 vozes, 1862 — Laudate para anjinho, 1862 — Matinas de Santa Cruz, 1866 — 1868 Ceptenário das Dores. Obras sem data: Antifona para quarta-feira Santa — Regina Celi e aleluia — Popule meus — Tantum Ergo — Sólo do pregador — Laudamos — Antifona de quinta-feira Santa — Novena do E. Santo — Ladainha — Matinas do Bom Jesus — Ofício de Sexta-feira Desiro — Quinteto bom sobre a ópera D. João de Mozart.



Frontespício de uma partitura original de Manoel José Gomes: "Paixão de Sexta Feira Santa" composta em 1831.

Cam

Retratos da Velha Campinas

Maneco MúsicoCópia
2.11.65

J. Castro Mendes

MANOEL JOSÉ GOMES

Com bem organizado programa de festividades, Campinas a 19 de março de 1970, irá comemorar o centenário da ópera Guarani do maestro conterrâneo Antonio Carlos Gomes, vitoriosa no Teatro La Scala, de Milão, onde subiu à cena em 1870. Data de grande significado para a arte do Novo Mundo, não poderia mesmo deixar de ser comemorada com o maior entusiasmo, evocando de maneira condigna o glorioso feito do jovem artista, cujas obras muito elevaram e engrandeceram a música lírica em nosso País.

Nome que não poderá ser olvidado no transcurso daquelas festividades, será o de Manoel José Gomes, pai de Carlos Gomes, e seu primeiro mestre na arte dos sons, falecido em 1868, sem ter conhecido o êxito do Guarani que deu a seu filho merecida notoriedade.

Natural de Parnaíba, aqui chegava ele em 1809, passando a exercer entre outros mistérios o ensino musical como bom conhecedor de vários instrumentos que era. Lecionando a inúmeros discípulos, formou a primeira banda orquestrada então florescente Vila de São Carlos, corporação disciplinada, que mereceu elogios do jovem imperador d. Pedro II por ocasião da sua visita em 1846, a esta cidade. Sobre a personalidade artística de Manoel José Gomes, cumpre notar que não se tratava de um simples curioso ou amador. Seus conhecimentos musicais eram sólidos, estendendo-se à prática da regência e composição.

Seu filho José Pedro de Sant'Ana Gomes que apenas recebeu os ensinamentos paternos, foi um dos mais completos musicistas que já tivemos, artista de invulgares qualidades, regente, extraordinário violinista, e autor de inúmeras composições de elevado teor musical, quartetos, sonatas e duas óperas.

A respeito dos métodos de ensino usados pelo velho mestre assim se referiu uma folha local: "Imaginem o que seria uma aula do Maneco Músico. Penetrava-se no recinto e, ali, a audição era perturbada por uma tal variedade de sons, aturados somente por aqueles que tivessem a obrigação de o fazer. Um mixto de acordes de flautas, clarinetes e trompas, executados por principiantes que estudavam seus exercícios, outras escalas, e outros já uma valsinha, acrescentando-se a isso os estudos de solfejo!

Artistas e maestros de companhias que aqui aportavam, não escondiam a sua admiração por encontrar numa pequena cidade do interior uma orquestra que superava em muito outras que atuavam em centros maiores e mesmo na Capital. Maneco Músico, dinâmico e incansável, além de suas obrigações locais que eram inúmeras, ainda encontrava tempo para lecionar em localidades vizinhas. Frequentemente era visto a cavalo com o filho Tônico na garupa, percorrendo as estradas, a serviço de seu apostolado artístico. Nos dias de festas religiosas, envergando casaca cor de rapé com botões amarelos, óculos brancos, e sobraçando musicas, dirigia-se para a Matriz onde comandava a orquestra, executando peças de sua composição. Discípulo que foi do notável André da Silva Gomes, mestre capela da Sé Paulistana, deixou sobejas provas de sua capacidade nesse ramo de composição. No Museu do Centro de Ciências encontram-se mais de cem manuscritos de sua autoria, originais datados, com mais de um século. São missas, ladainhas, moletes, ofícios de defuntos, semanas santas completas, arranjos sobre motivos de óperas e peças eruditas, além de marchas, dobrados, hinos, etc..

Maneco Músico foi casado quatro vezes. Da primeira união não teve descendentes. Da segunda, foram quatro os filhos, sendo o mais velho Manoel José, apelidado Inhô, excelente flautista, e inspirado compositor do qual o Museu do Centro de Ciências também possui alguns originais. Do terceiro casamento com Fabiana Maria Cardoso nasceram José Pedro de Sant'Ana Gomes e Antonio Carlos Gomes, figuras de excepcional grandeza no mundo das artes, e da quarta união foram oito os rebentos, entre os quais as exímias pianistas Joaquina Gomes e Ana Gomes. Filhos e netos desse varão ilustre, tornaram-se artistas notáveis cujas vitórias tanto enobrecem o renome cultural não só de Campinas como do Brasil.

Ao falecer em 1868, dois anos antes de Carlos Gomes glorificar-se no Scala, de Milão com O Guarani, Manoel José Gomes deixava um claro imprenchível, tornando-se merecedor de honras postumas e do reconhecimento dos campineiros pelo muito que fez. Seus amigos e admiradores, na ocasião do lutuoso acontecimento, enviaram um pedido à Câmara Municipal solicitando que se desse o nome do ilustre artista ao antigo Bêco das Casinhas (atual rua General Osório) onde ele residiu durante muito tempo.

Infelizmente não vingou a sugestão, pois ligaram-lhe o nome a uma rua modesta de bairro, simples homenagem a quem merecia ter sido perpetuado num bronze em praça pública, reconhecimento da cidade que pelo seu trabalho tornou-se conhecida como a Terra da Arte.





Ca. 1000 Popul. 7

Campinas, 6 de abril de 1980

MANOEL JOSÉ GOMES

José Alexandre dos Santos Ribeiro

Não se pode dizer que a cidade de Campinas não tenha cultuado a memória de seu nome artístico mais famoso que é o do compositor Antonio Carlos Gomes. Sobretudo de 1970 para cá, a cidade tem sabido cultivar a memória e o talento musical do grande operista, cujos principais trechos musicais tem sido parte relevante, por exemplo, do repertório permanente de nossa Orquestra Sinfônica Municipal.

Mas pouco se tem falado, e nada se tem apresentado de Manoel José Gomes, o pai de Carlos Gomes, primeiro nome musical da família, e que foi o pioneiro do ensino de música em Campinas, além de ter sido compositor de obra relativamente copiosa.

Nascido em Parnaíba (atual Santana de Parnaíba), a 29 de setembro de 1792, e tendo morrido em Campinas (onde residiu, ao que tudo indica, a partir de 20 anos), a 11 de fevereiro de 1868, aos 76 anos de idade. Manoel José Gomes começou a estudar música já aos 7 anos de idade (1799), com o Padre José Pedroso de Moraes Lara, que era o Mestre de Capela de Santana de Parnaíba, à época. Morto o Padre Lara em 1808, Manoel José Gomes continuou a estudar com o sucessor e ex-aluno daquele, Floriano da Anunciação Freire, com quem depois, o futuro pai de Carlos Gomes dividiu as responsabilidades de Mestre de Capela da Matriz de Parnaíba.

Por volta de 1812, segundo a Enciclopédia da Música Brasileira, Manoel José Gomes transferiu-se para São Paulo, onde se aperfeiçoa musicalmente com André da Silva Gomes, compositor português que, a partir de 1774 desempenhava em São Paulo as funções de quarto Mestre de Capela da Sé, a espensas do Bispo D. Frei Manuel da Ressurreição.

Com essa formação musical, de projeção não mais que relativa, mas inegavelmente segura e considerável, sobretudo em termos de Brasil no século XVIII, é que Manuel José Gomes, que não teria então mais de 21 anos de idade, resolve vir tentar a vida em Campinas (então, ainda a Vila de São Carlos), por volta de 1812 ou 1813, cá chegando como instrumentista e professor de piano, violino, flauta e órgão, estudioso de partituras musicais e futuro mestre de banda e compositor, bem como também professor de canto.

E' sabido que à volta de 1826, quando já aqui estava há cerca de 15 anos, Manoel José Gomes, tinha em decorrência de suas atividades didático-musicais em Campinas, uma renda anual na ordem de cem mil réis, a que se acrescentava o dinheiro que conseguia atuando em solenidades musicais de São Paulo, por recomendação de seu mestre, André da Silva Gomes. E, por volta de 1853, o nosso "Maneco Músico" (como era carinhosamente conhecido em Campinas), possuía dez casas em nossa cidade!

Esse dado mostra bem o "mercado de trabalho" que um mestre de música experiente e versá-

til podia ter em Campinas, há 130 anos atrás, quando a cidade ainda tinha bem menos de 100 anos de fundação, o que é também justificável pela avidez com que, até ao século passado, as pessoas procuravam a música como forma não só de aprimoramento artístico-cultural, mas também como opção quase única de divertimento e lazer.

Essa perspectiva de intensa vida artística e cultural na cidade de Campinas iria recrudescer justamente nas últimas três décadas do século XIX, justamente a partir de quando Manoel José Gomes morreria (1868). Mas não nos podemos esquecer de que, antes de possuir água e luz, Campinas já tinha teatro; o velho Teatro São Carlos (que existiu até 1922, no local em que depois foi construído o nosso primeiro Teatro Municipal, lamentavelmente derrubado em 1965) foi inaugurado em 1850!

Esses fatos bem justificam que Manoel José Gomes, já aos inícios do século passado, tenha conseguido manter-se e até prosperar, em Campinas, com atividades ligadas ao ensino e à atuação musical, com uma facilidade que hoje, infelizmente, nenhum professor de música encontraria em nossa cidade.

Como compositor, Manoel José Gomes deixou obra copiosa, que vai desde uma ária lírica intitulada "Sentir un dulce afetto", e datada de 1822 (ano da Independência, quando ele tinha 30 anos de idade), até uma numerosa série de novenas, motetos, motinas, antífonas, Ave Marias, "Te Deum", Recomendações, Missas, Ladainhas, Trezenas, e outras peças sacras, passando por um concerto para violoncelo (1841), uma "Marcha em Lá Bemol" (1844), um "Dobrado em si Bemol" (1847) e um "Quarteto obrigado sobre motivos do D. Juan de Mozart" (1851).

E' sabido que uma parte pelo menos considerável dessas peças encontra-se arquivada no Museu de Carlos Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Mas, apesar disso, nenhum regente, instrumentista ou cantor do nosso século se dispôs ainda a fazer uma pesquisa detida nesse acervo de raridade, para executar em público, pelo menos em Campinas, alguma obra de Manoel José Gomes. Recentíssimamente, há cerca de meio mês, encontrei prazerosamente no Museu Carlos Gomes, quando lá fui para fazer a rápida pesquisa que resultou neste artigo, o Maestro Olivier Foni, da Escola de Comunicações e Artes da USP, a quem pude mostrar as partes musicais do supra referido Concerto para Violoncelo de Manoel José Gomes. Fazendo uma leitura ocular sumária de algumas páginas da peça, o maestro Oliver Toni, considerou-a obra bastante interessante, e cuja execução em concerto se justifica inteiramente.

Resta, pois, que essas peças "venham ao ar", em execuções cuidadas e competentes, para que se possa constatar e avaliar com clareza quais as qualidades e características inspiracionais e estilísticas da Música de Manuel José Gomes.

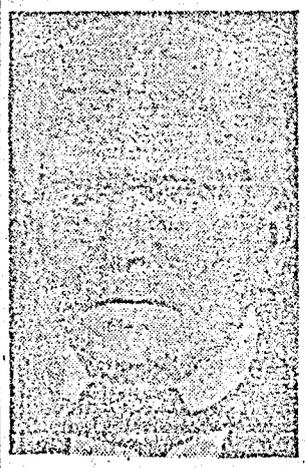
Registra-se ainda que, além de compor, o pai de Carlos Gomes recopiou — naturalmente para seu uso — muitas peças de compositores como André da Silva Gomes, Frei Jesuino de Monte Carmelo, Francisco Manuel da Silva e Padre José Maurício Nunes Garcia. E, muitas dessas cópias, algumas, de peças até hoje inéditas em nosso século, também se encontram no Museu Carlos Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes, à espera de quem delas queira fazer o uso honesto e competente a que elas fazem jus.

MANOEL JOSÉ GOMES O PRECURSOR DO ENSINO MUSICAL EM NOSSA TERRA

— José de Castro Mendes —

Manoel José Gomes (pai de Carlos Gomes), o precursor do ensino musical em Campinas, falecido há oitenta e sete anos, ainda não foi homenageado como devia ser, tornando-se esquecido na terra que muito amou e engrandeceu.

Natural de Parnaíba, aqui aportava ele cerca de 1809, passando a exercer o magisterio artistico, difundindo o conhecimento de vários instrumentos e inumeros discipulos que formaram a primeira banda-orquestra



Manoel José Gomes

na então florescente Vila de S. Carlos. Em 1846, nos três dias de festas em homenagem ao imperial visitante d. Pedro II, fez bonito, brilhou mesmo com a sua famosa corporação integrada por várias dezenas de executantes entre os quais se encontravam Sant'Ana Gomes e Carlos Gomes ainda.

A respeito dos métodos de ensino usados pelo velho mestre, assim se refere um cronista do "Diário de Campinas": — Imaginem o que seria uma aula do Maneco Musico. Penetrava-se no recinto, e ali a audição era perturbada por uma tal variedade de sons, aturados somente por aqueles que tivessem a irrevogavel obrigação de o fazer. Um mixto de acordes de flautas, clarinetes e trompas, executados por principiante que estudavam seus exercicios, outros escalas, e outros já, uma valsinha, acrescentando-se a isso os estudos de solfejo!

Num angulo da sala, via-se o mestre, com sua fisionomia austera, olhar investigador e irrequieto, a distribuir primeiro explicações, depois, repetidas pancadas de arco de rabeca na cabeça dos alunos recalcitrantes, raios e de curta compreensão. Eis como se implantou a arte em nossa terra, eis como o seu cultivo aqui se desenvolveu a tal pujança que, graças á competência do mestre, a nossa orquestra chegou a ser considerada a primeira da Provincia.

Desse notavel conjunto musical, faziam parte executantes competentissimos, capazes de arcar com as responsabilidades da mais exigente partitura.

Miguel e Modesto Vaz de Lima — José Roberto e Manoel Gomes da Graça — Francisco Monteiro — o Quitto musico e o Alexandre trompista eram figuras de relevo nesse nucleo de amadores que sob a regencia de Sant'Ana Gomes atuavam no antigo Teatro São Carlos por occasião das grandes e memoraveis temporadas liricas ali realizadas frequentemente. Os proprios artistas e maestros dessas companhias mostravam-se admirados de encontrar em pequena cidade do interior, uma orquestra que superava em muito, conjuntos identicos da Capital.

Manoel José Gomes, dinamico e trabalhador incanavel, além de suas obrigações locais, que eram inumeras, ainda encontrava tempo para lecionar nas propriedades agricolas vizinhas. Diz ainda o cronista, que frequentemente era dado

ver-lo engarupado com o Tomico, percorrendo estradas, a serviço de seu apostolado artistico. Nos dias de festas religiosas, envergando casaca, cor de rapé, com botões amarelos, óculos brancos, e sobrajando as musicas, era com prazer que se dirigia para a Matriz onde comandava a musica, executando peças de sua composição. Discipulo que foi do notavel André da Silva Gomes, mestre capela da Sé paulista, Maneco Musico deixou sobejas provas de sua capacidade de compositor. No Museu do Centro de Ciências, Letras e Artes, carinhosamente arquivadas, encontram-se mais de setenta partituras de sua autoria em manuscritos originaes e datados todos com mais de cem anos. São missas, ladainhas, motetes, officios de defuntos, semanas santas completas, arranjos sobre motivos de operas, dobrados e marchas para bandas e outras peças de varios generos.

Maneco Musico foi casado quatro vezes. Do primeiro matrimonio não teve descendentes. Da segunda união teve seis filhos, sendo o mais velho Manoel José Gomes, apelidado Inhô, excelente flautista, e o inspirado compositor, do qual o Centro de Ciências tambem possui alguns originaes. Do terceiro casamento nasceram: Sant'Ana e Carlos Gomes figuras de excepcional grandeza no mundo da arte, e do quarto matrimonio, foram oito os filhos, entre os quais: Joaquina Gomes e Ana Luiza Gomes eximias pianistas.

Filhos e netos e sobrinhos; desse varão illustre, tornaram-se artistas notáveis, cujas vitorias tanto enobrecem o renome cultural de nossa terra.

Ao falecer em 1868, dois anos antes de Carlos Gomes glorificar-se no Scall de Milão, Maneco musico deixou um claro imprezível, tornando-se merecedor de honras postumas e do reconhecimento dos campineiros. Por isso, seus amigos e admiradores, logo após o lutooso acontecimento, enviaram á Camera Municipal o seguinte requerimento: — Tendo a Camera dado á rua da Matriz Velha o nome de Barreto Leme, em memória ao fundador desta cidade, e tendo existido nesta cidade o cidadão Manoel José Gomes que não só por suas virtudes e por ter dotado Campinas, por seus esforços com a melhor musica da Provincia, e ainda mais por ser pai do maestro Antonio Carlos Gomes que tem adquirido sobejos titulos á gratidão campineira, lembram por isso a conveniencia de dar-se á rua das casinhas (General Osorio atual) onde morou aquele cidadão, o nome de rua Maestro Gomes, praticando-lhe um ato de justiça.

Não vingou entretanto a sugestão. Tempos depois, ligaram-lhe o nome a simples rua de bairro, homenagem bem modesta, á quem merecia ser perpetuado no bronze em uma de nossas praças centrais.



Handwritten signature or initials, possibly 'OJM'.

4 de Setembro de 1959 CORREIO POPULAR

Manoel José Gomes - precursor do ensino musical em Campinas

Homem de rija têmpera, enérgico, de caráter rude e generoso, sua vida marcou por uma atividade constante no campo da arte — Antigo discípulo de André da Silva Gomes de Castro — Na sala acanhada da velha casa transformada em escola, aglomeravam-se os futuros artistas — Amador e curioso da arte musical — Artista esquecido em nossos dias — Traços biográficos — Valioso arquivo de suas obras à espera dos estudiosos e pesquisadores

Texto: José de Castro Mendes

Manoel José Gomes, o precursor do ensino musical em Campinas, foi homem de rija têmpera, enérgico, de caráter rude e generoso, cuja vida marcou-se por uma atividade constante, principalmente no campo da arte para a qual nasceu vocacionado.

Trabalhando em vários mistérios, ora como empreiteiro de obras, ora como negociante e artilhice, atendendo aos encargos de numerosa família, encontrava ainda o tempo disponível para ensinar a música, compor e dirigir a sua banda musical, primeira corporação no gênero aqui organizada.

Antigo discípulo de André da Silva Gomes de Castro, famoso

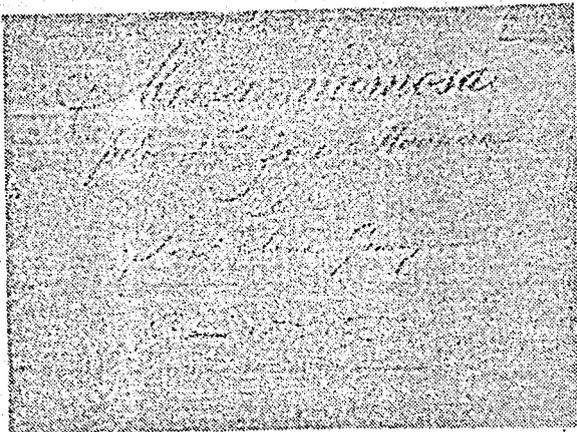
aluno de Maneco Músico sabia música como se deve, conhecendo perfeitamente os segredos da Divina Arte.

É que seus métodos pedagógicos embora rigorosos unham "eficiência", produzindo ótimos resultados!

SALA ACANHADA TRANSFORMADA EM ESCOLA

Na sala acanhada da velha casa transformada em escola aglomeravam-se os futuros violinistas, flautistas e clarinetistas, a estudarem simultaneamente seus exercícios, escalas e mesmo algumas valsinhas no grupo dos mais adiantados.

A um canto, ficava o mestre, de fisionomia austera e olhar investigador, a dar explicações.



Partitura da "Missa Mimosa" do Padre José Maurício. Pertenceu ao repertório Sant'Ana Gomes.

mestre capela da Sé paulistana, trazido de Lisboa pelo bispo d. Frei Manuel da Ressurreição, Manoel José Gomes, aprendera o piano, órgão, violino e canto, além de conhecer bem vários outros instrumentos.

EM 1809, NA VILA DE SÃO CARLOS

Em 1809, já ele se encontrava na Vila de São Carlos (Campinas), onde passou a residir definitivamente.

Dizem alguns de seus biografos, que foi casado três vezes, sendo que outros afirmam serem quatro as uniões que lhe deram 16 filhos.

Da primeira esposa, não teve descendentes.

A segunda foi mãe de seis rebentos, sendo o mais velho Manoel José Gomes Júnior o Inho, primoroso flautista, e o mais novo, o padre Joaquim José de Sant'Ana, inspirada compositor.

José Pedro de Sant'Ana Gomes, e Antonio Carlos Gomes, são filhos da terceira união com Fabiana Maria Cardoso.

Do quarto enlace, foram em número de oito os filhos, entre os quais se destacaram Joaquina e Arta Gomes, exímias pianistas.

corrigindo compassos, marcando ritmos, muitas vezes usando o arco de rabeca para golpes na cabeça dos recalitrantes!

Dessa forma, é que se implantou a arte musical em nossa terra, e o seu cultivo chegou a tal desenvolvimento, que a banda campineira, por muitos anos foi considerada a melhor da Província.

AMADOR E CURIOSO DA ARTE MUSICAL

Manoel José Gomes, absolutamente não foi um amador e curioso da arte musical.

Seus conhecimentos nesse particular eram sólidos, e a prova disso está no preparo que ministrou a seus filhos Carlos Gomes e Sant'Ana Gomes, este último, que jamais estudou fóra dos muros paternos, tornou-se exímio violinista, regente e compositor de música de classe, figurando entre os mais destacados artistas do país.

Especializado na composição de peças sacras, o velho mestre campineiro, desdobrou-se nas suas atividades, escrevendo centenas de partituras devidamente orquestradas, algumas com mais de cinquenta páginas e inteiramente pautadas à mão!

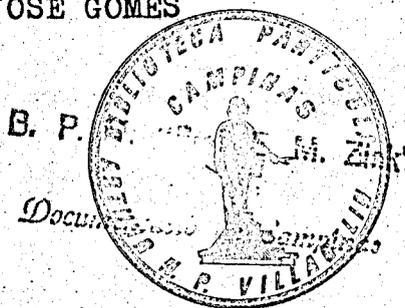
LECIONAVA EM SUA RESIDENCIA

Atendendo a numerosos discípulos, Maneco Músico lecionava em sua residência até altas horas da noite. Seguidamente, viajava pelas fazendas vizinhas ensinando as menas da casa grande, retornando à tardinha para atender o serviço na igreja matriz.

Nos dias de festas religiosas, era interessante vê-lo todo empertigado na sua casa com cor de rabé, com botões amarelos, de óculos brancos, à caminho da igreja, sobraçando as músicas para a missa, ou Te Deum abrihantado por orquestra e coral misto.

Quando o trabalho era nas cidades vizinhas, como Itú ou Salto, não dispensava a companhia dos filhos Juca e Tônico, que o auxiliavam bastante como solistas ou acompanhantes, e até mesmo na regência.

Handwritten signature or initials.



Gomes, Manuel José - Rua

Manuel José Gomes, o "Maneco Músico", foi o precursor do ensino instrumental e metódico em Campinas. Bom artista, conhecedor do violino, órgão, canto e composição, facilmente foi despertando vocações, arregimentando discípulos que mais tarde formaram a primeira banda conhecida na próspera Vila de São Carlos, hoje Campinas. É, pois, assim, o marco inicial da história da música em Campinas.

Natural de Parnaíba, aqui fixou residência, casando-se com Maria Inocência do Céu, em 1809. Em 1840 contraiu segundas núpcias com Fabiana Maria Cardoso, falecida quatro anos depois, levando-o a terceiro casamento com Francisca Leite Moraes, em 1849.

Depois de uma vida intensa e laboriosa, vítima de um acidente, veio a falecer em 1868, deixando vários filhos, entre os quais Antonio Carlos Gomes, glória da música brasileira, que era filho de seu segundo casamento.

Bibliografia: MENDES, José de Castro. "Artes". In: MONOGRAFIA histórica do Município de Campinas. Rio de Janeiro, IBGE, 1952. p.452.

Biblioteca Pública Municipal "Professor Ernesto Manoel Zink"
Campinas, 24 de agosto de 1973.

BENEMÉRITOS DE CAMPINAS



MANOEL JOSÉ GOMES

Manoel José Gomes, nasceu na antiga vila de Parnahyba, situada próximo a capital, em 1792 não sendo possível averiguar-se a data.

Depois de aprender a ler e escrever foi enviado para S. Paulo onde se dedicou ao estudo da música com o respeitável mestre André da Silva.

Volvendo novamente a sua terra natal e em pleno vigor da mocidade uma circunstância certamente inesperada fez com que se despedisse ainda que "em latim" como se diz trivialmente, procurando a nossa cidade como seu refúgio.

Chegando aqui, era bem moço e desde logo começou a exercer a sua profissão de mestre de música, encontrando por parte das famílias territoriais bom acolhimento e franco apoio para o desenvolvimento da arte.

Eis como se implantou a arte musical em nossa terra, e eis como o deu cultivo aqui chegou graças à "impertinência" do Maneco Musico, a nossa orquestra a ser considerada a primeira da província.

O coração artista do Gomes não era acessível somente ao amor da música; a arte dramática ali também encontrou guarida e em muitos espetáculos particulares o músico tomou parte.

Manoel José Gomes foi casado quatro vezes não tendo tido da primeira esposa filho algum.

Da segunda mulher teve seis filhos, sendo o mais velho Manoel José Gomes Junior (Inhô) que era um excelente executor de flauta, e o mais moço o padre Joaquim José Gomes de Sant'Ana, que foi um compositor inspirado.

José Pedro de Sant'Ana Gomes e Antonio Carlos Gomes são filhos do terceiro casamento.

Do quarto matrimônio teve oito filhos.

Na revolução liberal de 1842, teve papel saliente em diversos fatos locais.

Manoel José Gomes faleceu nesta cidade a 11 de Fevereiro de 1868, pouco antes de ser levado a cena "O guarany"

(Dados colhidos no "Diário de Campinas, de 1898-1899)

CMW

BENEMÉRITOS DE CAMPINAS

Manoel José Gomes



Foi êle em verdade o introdutor da Música em Campinas. Natural de Villa da Parnhiba, estudou música em São Paulo, com o mestre de capela, André da Silva Gomes, tendo transferido a sua residência para Campinas em 1813, mais ou menos. Dessa data em diante, aqui viveu por largos anos, até à sua morte, ocorrida em 10 de Fevereiro de 1868,

Foi mestre de música, criador das primeiras bandas musicais da então Vila de São Carlos e das primeiras orquestras da cidade.

Era pai de Sant'Ana Gomes e do nosso genial Antonio Carlos Gomes. Estes dois últimos já mereceram as honras mais insignes e excelentes homenagens, bem como um outro músico, Azarias Dias de Mello, natural de Amparo, e qua aqui residiu por muitos anos.

Cam



A S B A N D A S D E C A

XIII

Campinas, desde a metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido com "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Música", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tônico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Música", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorfenicas". "Juca Música", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorfênica": "Chico Fingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Música". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorfênica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rábula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico" e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca

GERALDO SESSO JUNIOR

165



Músico", para desgosto deste, era também conhecida como a "Banda de Baixo", em vista da séria concorrência que lhe fazia a então "Banda Romana", dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a "Banda de Cima". Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas "Banda da Santa Cruz" e a "Euterpe Infantil", que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a "Banda Mato Dentro", dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de "Juca Músico" e a "Banda Fazenda S. Maria", compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Villela. Com a morte de "Maneco Músico" ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1868, Sant'Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a "Banda Carlos Gomes", em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada "União Operária", sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de indole artística resolvem os italianos arregimentar os "paisanos" interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a "Banda Italo-Brasileira" que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Miguel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos, Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Túlio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lira de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Cór", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Cór", "Banda Progresso"; fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizar grandiosa reireta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rossini, Raúl da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateo, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus

GERALDO SESSO JUNIOR

169



longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Venéri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavalheiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Epitácio Pessoa, então presidente da República e do Rei da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Alvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Cór", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeio, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e a continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)

De Campinas em 1800 e tantos

NHÔ MANÉCO MÚSICO E SEU POVO

Julio Mariano

Correio Popular de 18.9.1967

Há certas estórias simples, que a tradição guardou da cidade antiga, que deveriam ser contadas e recontadas, de quando em vez. Contadas e recontadas por quem? Pelos colonistas sociais, nas folhas d'árvores. Pelos mestres e professores, nas escolas primárias, em suas aulas de lições de coisas. E até mesmo pelas mães, nos serões do lar, aos filhinhos, que entreabrem os primeiros livros de figuras.

Uma dessas estórias eu tentarei relatar, costurando as frases a ponto largo:

Na Vila de São Carlos, que era como se chamava Campinas lá por 1830 e poucos, então pacato, modorrento, de população reduzida à gente de poucas letras, senhores de engenho de mística com os seus escravos, havia por aquele tempo um mestre de música e foadador de banda, que tendo recebido de batismo e filiação o nome de Manoel José Gomes, era no entanto mais conhecido em toda a vila e arredores por Manéco Músico. O apelido tinha a vantagem de identificar o homem pela profissão. Verdade é que, músico por ofício, mas cidadão digno e alfabetizado, não se furtava no ano de 1837 a exercer a função pública, de juiz de Paz. Cumpria, assim, o seu dever para com a comunidade.

Maduro, já, e de costumes que não se distanciam aos dos patriarcas bíblicos, vivia Nhô Manéco Músico rodeado de muitos filhos — somariam, por essa época, uns vinte! —, frutos de três consorcios: E haveria de envolver-se e de casar-se mais uma vez, o Nhô Manéco, aumentando a prole, até aos vinte e seis rebentos!

Nesta estória, porém, o que mais particularmente desperta o interesse é o capítulo do terceiro casamento de Nhô Manéco, com a bastante jovem e bonita Fabiana Maria Jaguarí Cardoso, que lhe presenteou com os filhos José Pedro, ou Juca e Antônio Carlos, ou Tonico.

Mais nove dois anos que o mano Juca, o Tonico viera ao mundo, no dia 11 de julho de 1836, ali na Rua da Matriz Nova, numa casa baixa, de largas platabandas, vizinha da chácara do Padre Feljo, e cujos fundos, naquela época, confinavam com a Rua das Flores e espraiado do Largo Jurumbeval.

Velho pai de tão numerosa prole e mestre de música, o maior gosto e orgulho de Nhô Manéco era poder formar, com os filhos que Deus lhe dera, uma completa banda de música. Banda e orquestra. E por isso, ensinava a cada um deles tanto instrumento de sôpo como de cordas e percussão. Assim foi que os manos Juca e Tonico, desde garoto, andaram aos sópros na clarinete e aos gatinhos na rabeca, após o soleramento catado da arinha musical.

Família de muitas bocas e modestas posses, a do Manéco Músico, não chegando a tirar da arte musical o bastante para as exigências do estômago, haviam os moços e os meninos que recorrer a profissões "outras, para mais seguro ganhar-pão. E os Gomes, além de músicos, se fizeram um relojero, outro marceneiro, outro encarador, outro hotelário — uma porção de ofícios, enfim. Havendo até um deles que Nhô Manéco botou a trabalhar na roça e outro foi ser padre. Mas nenhum deles deixou de ir à escola. Dois, pelo menos, Joaquim José de Santana Gomes e Manoel José Gomes Júnior, chegaram a frequentar as aulas de latim e francês do professor público Quirino do Amaral Campos, tendo entre outros colegas de curso o Joãozinho Ataliba Nogueira, o Tomashinho Goimide e João Teodoro de Siqueira e Silva.

Quanto aos pequenos havidos com a Fabiana, o Juca, que desde assazininho demonstrava inclinação para rabeguista, teve caelejadas as mãos no ofício de marceneiro; e o Tonico, sonhador de grandezas líricas, andou espetando os dedos com a agulha de alfaiate, por anos vários de sua meninice.

Que homem extraordinário foi esse Manéco Músico da velha Campinas! Em 1853, lhe miangundo os ganhos com a música e com os serios de instrumentos, arrematou, como empreiteiro, as obras de calcamento da Rua das Casinhas, do que recebeu da Câmara, por intermédio do Procurador Francisco Ferreira Pinheiro, a quantia de 190\$700 (cento e noventa mil e setecentos réis). De seu fraco possuía um só: nas horas vagas de música, trabalho e cuidados com a família, buscava com diversão a mais ruidosa parreirada de truque!...

E que filhos admiráveis, os Gomes de Nhô

Maneol! Todos eles, em escadinha pela idade e tamanho, a formarem uma só banda de música com Nhô Pai!

Dentre eles, porém, a mais festejada das Musas haveria de destacar o Tonico e o Juca, como os seus mais legítimos intérpretes. A arte, no entanto, no dizer de Dumas Filho, é flor de rocha que exige um vento áspero e rude para o próprio viço. E o vendaval, o furacão da tragédia, não tardaria a soprar no lado dos Gomes. O Destino, armando dramalhão passional, sangrento, inda hoje envolto nas dobras do mistério, roubou um dia aos garotos Juca e Tonico os cuidados e carinhos maternos. Nhá Fabiana Maria Jaguarí Cardoso Gomes, a moça espósa de Manéco Músico, ainda bonita, apareceu morta, estagnada, naquele ermo de fundo de quintal da casa da Rua da Matriz, a confundir com a Rua das Flores...

Como não podia deixar de acontecer, a dor, o pranto, o desespero, irromperam porta-adentro do lar de Nhô Manéco. Mas ao velho, vivo facilmente alegre, ainda foi possível atenuar a própria mágoa, preenchendo o vazio do coração um quarto casamento. Para o Juca e o Tonico, porém, chances até então de sonhos rosos, que quando surrados por Nhô Pai buscavam sempre o carinho de Nhá Fabiana, toda ela ternura para com os filhos, contrastando com a natural carranca do velho, para os dois pequenos o vácuo se fizera intenso no lar desercantado. A tristeza da orfanidade e mais o sombrio da tragédia haveria de se lhes perpetuar em morada no coração de artistas em formação.

O Juca e o Tonico, de Nhá Fabiana e Nhô Manéco, seriam ambos festejados, glorificados. O primeiro, como delicado "virtuoso", tornaria no maior violinista da velha Campinas, que chamou José Pedro de Santana Gomes, ou simplesmente Mestre Santana Gomes. E o segundo, dotado de maior soma de audácia e persistência para a conquista da glória em distantes terras, fez-se compositor, foi o nosso Antônio Carlos Gomes, genial cantor das Américas, que nos legou as partituras famosas de "O Guarani", "O Escravo" e "O Condor", além de outras de não inferior expressão lírica.

